Uma reflexão sobre o papel dos tias e tios num sistema de governação familiar

Ao analisar em profundidade as múltiplas relações que os membros da família mantêm entre si, na tentativa de se autogovernarem com sucesso, observo cada vez mais a importância dos papéis das tias e dos tios no desenvolvimento das suas sobrinhas e sobrinhos, para que se tornem membros bem-sucedidos da família. Esta reflexão contém as minhas ideias sobre a razão pela qual este processo de desenvolvimento, mediado por tias e tios, se revela tão importante na vida destes jovens. Aborda também o quão vital é para o sucesso de uma família que os papéis fundamentais desempenhados por tias e tios sejam reconhecidos.

A antropologia revela que, nas sociedades tribais, quando um rapaz ou uma rapariga está a passar pela puberdade e a entrar na idade adulta, muitas vezes os tios do rapaz e as tias da rapariga assumem a custódia dos seus respetivos sobrinhos e sobrinhas e preparam-nos para os seus papéis de adultos na tribo. Estas sociedades, assim como as nossas sociedades modernas, reconhecem que existem conflitos normais e saudáveis entre pais e filhos, à medida que estes se individualizam e, naturalmente, se afastam para alcançar a idade adulta e a independência. Estes conflitos tornam muito improvável que a preparação de que as crianças necessitam para desempenhar os papéis de adultos na sociedade seja efetivamente levada a cabo pelos seus pais. A sociedade tribal intui que as relações de sangue que partilhamos com as nossas tias e tios (afinal, eles partilham igualmente a fonte original do
respetivos pais) ofereçam um forte laço que lhes permita orientar-nos com sucesso. Para levar esta ideia um passo mais além, alguns biólogos e psicólogos acreditam que a emoção a que chamamos altruísmo é quase tão forte entre tias, tios, sobrinhos e sobrinhas como entre pais e filhos porque, tal como mencionado acima, partilhamos uma parte substancial dos nossos patrimónios genéticos. Estes cientistas acreditam que a natureza incute em cada um de nós um instinto incrivelmente forte de querer transmitir os nossos genes às gerações futuras, como o meio pelo qual a vida, e as suas várias espécies, continuam a prosperar. Com esta forte realidade biológica, e as suas diversas realidades psicológicas, não é

surpreendente que tias e tios possam ser mentores de sucesso para as suas sobrinhas e sobrinhos. Trata-se também de uma perspetiva notável sobre a razão pela qual os nossos antepassados tribais, sem métodos científicos modernos, chegaram a esta conclusão.

No processo concreto em que sobrinhas e sobrinhos se tornam membros adultos da tribo, deparamo-nos com o papel do ritual na concretização de transições bem-sucedidas da infância para a idade adulta. Em todas as sociedades tribais, a passagem de uma rapariga para mulher e de um rapaz para homem é acompanhada por ritos de passagem que reconhecem à rapariga ou ao rapaz a importância desta transição e que garantem que, enquanto adultos, estarão plenamente preparados para assumir os seus deveres e responsabilidades na vida e na governação tribais. Conforme mencionado acima, os seus mentores ao longo desta passagem crítica para uma vida adulta bem-sucedida são, frequentemente, as suas tias e tios.

Nos nossos tempos modernos, a minha experiência diz-me que raramente estes importantes acontecimentos de mudança nas vidas de rapazes e raparigas são reconhecidos como algo mais do que meros acontecimentos físicos. Acredito

acredito, embora, como homem, não possa ter a certeza, que as mulheres de uma família dão certos conselhos e realizam alguns rituais e cerimónias para as raparigas à medida que estas se tornam mulheres. É também a minha impressão, com base em muitas leituras sobre o assunto em livros de psicologia do desenvolvimento, que as raparigas parecem tornar-se mulheres, no sentido psicológico pleno da idade adulta, de forma mais

fácil e rapidamente do que os rapazes se tornam homens. Talvez seja porque as formas de conhecimento e de ensino das mulheres servem melhor o processo de desenvolvimento feminino. O que sei, pela minha própria prática e, de forma anedótica, através de muitos colegas, é que todos nós temos como clientes muitos rapazes de 40 e 50 anos. Garanto-vos que não estou a brincar com este assunto, da forma como a sociedade discute este problema, dizendo, entre risos, que todos os homens são, no fundo, meninos. Infelizmente, é minha experiência direta que a nossa sociedade está a produzir muitos homens que nunca se tornam homens, exceto no sentido biológico. O que me podem perguntar é qual é a minha definição de homem. É, muito simplesmente, um homem adulto que está absolutamente preparado para assumir a responsabilidade pelas suas ações. Sem «se» nem «mas», simplesmente «sou responsável pelas minhas

ações, aconteça o que acontecer». É uma pessoa que não culpa os outros pelas suas ações e que não se faz de vítima. Por que razão, perguntarão, é que a nossa sociedade, com tudo o que sabemos sobre o processo de desenvolvimento humano e as suas muitas fases, está a falhar em formar homens e, em vez disso, a produzir meninos eternos? Acredito que grande parte deste problema decorre da falta de rituais na nossa sociedade moderna e, mais ainda, do desaparecimento dos papéis fundamentais que os tios tradicionalmente desempenhavam no processo de amadurecimento. Para apresentar provas do meu ponto de vista, vejamos

quais, se é que existiam, eram os rituais que as sociedades mais antigas ofereciam a este processo. Em tempos, a primeira caça ritual de um rapaz como caçador servia este processo, tal como as «buscas da visão» obrigatórias. Havia também períodos de segregação formal da tribo, durante os quais os rapazes eram instruídos nos papéis e responsabilidades dos adultos pelos tios e figuras equivalentes. Em certas sociedades tribais, os rapazes eram enterrados durante a noite.

O regresso do rapaz e o seu renascimento na manhã seguinte como homem com um novo nome constituíam um sinal exterior da sua passagem para a idade adulta. Na nossa sociedade moderna, a participação nas forças armadas, a entrada na universidade, as atividades desportivas e, em particular, as atividades exclusivamente masculinas sob a orientação dos tios serviam este propósito. Hoje, na vida da maioria dos rapazes, nenhum destes eventos ocorre. Nas raras ocasiões em que ocorrem, não são vistos como rituais importantes para conduzir um rapaz na passagem para a idade adulta, mas sim como eventos de diversão leve e forte auto-gratificação. Ainda mais raramente é que tais eventos sejam conduzidos por tios ou seus equivalentes com o objetivo de ajudar os rapazes a atravessar os ritos de passagem para a vida adulta. Preocupa-me profundamente que, à medida que as nossas sociedades se tornam mais modernas, pareçam estar a minimizar a importância do ritual no processo de desenvolvimento humano. Por favor, compreendam que não estou a dizer que devemos trazer de volta símbolos banais e ultrapassados, nem que devemos reintroduzir o serviço militar obrigatório, ou mesmo o antigo serviço na milícia. Estou simplesmente a sugerir que uma vida sem rituais não se adequa à nossa espécie. Mais concretamente, deixa os membros individuais da sociedade sem as ferramentas necessárias para compreender o processo de se tornarem adultos. Acredito que muitas pessoas seriam ajudadas na transição para a idade adulta se a nossa sociedade moderna oferecesse, através de rituais modernos, os pontos de exclamação determinantes de que precisamos para compreender os momentos críticos dessa jornada.

Acredito particularmente que isto seja verdade nesta fase da evolução da nossa sociedade, no que diz respeito ao processo de transformação dos rapazes em homens.

Huizinga, um notável historiador e filósofo holandês, escreveu um livro intitulado *Homo Ludens: Um Estudo do Elemento Lúdico na Cultura*[1]. A tese de Huizinga é que a única característica que distingue a nossa espécie de todas as outras é o facto de brincarmos de forma criativa. Embora Huizinga não recorra ao uso do ritual que eu sugiro, concordo com ele que, através da brincadeira e das suas consequências, aprendemos e amadurecemos. Por favor, compreendam que

a visão de Huizinga sobre o jogo abrange todas as atividades em que nos envolvemos e nas quais a nossa curiosidade e criatividade são estimuladas. Tenham a certeza de que ele não se refere às atividades de lazer que associamos ao jogo, mas sim a uma visão filosófica profunda de como e por que razão nós, enquanto

espécie, prosperamos. Interessa-me que, em muitas famílias de tempos passados, incluindo a minha, alguns dos melhores momentos de brincadeira tenham sido com as minhas tias e tios; em particular, as minhas tias Dorothy, Dorothea e Margretha. Nesses momentos de brincadeira, acredito ter aprendido mais sobre a vida do que na maioria das outras ocasiões. Certamente que as recompensas, tanto positivas como negativas, que recebi desses momentos permanecem vivas na minha memória. Talvez tenham sido estas experiências especiais que despertaram a minha curiosidade e me levaram a esta Reflexão

Ficaria encantado, nesta altura desta reflexão, se pudesse agora enumerar os dois ou três rituais, com a ajuda de tias e tios, que garantiriam que todos os rapazes e raparigas passassem com sucesso da infância para a idade adulta. Infelizmente, da minha perspetiva, tanto como pai e avô atencioso como profissional de apoio, quem me dera saber. Posso sugerir, tal como mencionei acima, que as raparigas parecem estar a alcançar maior sucesso neste processo do que os rapazes e, talvez, seja através do estudo do processo delas que as respostas venham a surgir. Acredito firmemente que, se as tias e os tios retomassem os seus papéis tradicionais neste processo, recorrendo a rituais modernos baseados na notável visão de Huizinga sobre o papel do jogo no sucesso da nossa espécie, surgiriam bons resultados. Numa altura da história da nossa espécie em que temos de enfrentar as novas e extraordinárias questões colocadas pela explosão demográfica global, precisamos que todos os membros da espécie Homo sapiens alcancem com sucesso a idade adulta, para que a nossa espécie possa assumir as suas responsabilidades para com o nosso planeta; responsabilidades que apenas os verdadeiros adultos podem assumir. Quer concorde ou não com alguma destas ideias, espero que, através desta Reflexão, volte a familiarizar-se com os papéis significativos que as tias e os tios desempenham nas passagens críticas das nossas jornadas da infância para a idade adulta. Espero, em particular, que reflitam sobre a situação dos rapazes e dos jovens na nossa sociedade e que, à vossa maneira, os ajudem a tornarem-se homens. A nossa sociedade fez coisas extraordinárias nos últimos trinta anos pelas mulheres, embora ainda tenha um longo caminho a percorrer; agora, vamos ver se conseguimos fazer o mesmo pelos homens e, nesse processo, oferecer a todos os membros da família humana o dom de se tornarem indivíduos plenamente capazes de viver vidas de aprendizagem ao longo da vida, algo de que apenas os verdadeiros adultos desfrutam! Entretanto, agradeço a cada um de vós, tias e tios, pelos rituais que realizam e que irão realizar ao longo do processo de transição dos vossos sobrinhos e sobrinhas para a vida adulta.

Copyright & copy1999 por James E. Hughes, Jr., Esq

[1] Huizinga, Johan. **Homo Ludens: Um Estudo do Elemento Lúdico na Cultura*,* Beacon Press, 1986.